

A INVENÇÃO DE UMA CAPITAL DA CULTURA: NOS ENREDOS E TRAMAS DA PRODUÇÃO DA ILHA DA FANTASIA EM MOSSORÓ/RN

THE INVENTION OF A CAPITAL OF CULTURE: IN THE FOUNDATIONS AND TRAMS OF THE PRODUCTION OF FANTASIA ISLAND IN MOSSORÓ / RN

Jamilson Azevedo Soares¹

RESUMO

Este estudo versa sobre a relação entre espaço urbano e cultura, tendo a cidade de Mossoró/RN como objeto de análise. O objetivo é fazer uma reflexão sobre a questão da cultura na contemporaneidade a partir dos seguintes questionamentos: qual o sentido e o papel da cultura no processo de transformação espacial de Mossoró, na atualidade? O uso de símbolos, imagens, marcas e valores da tradição e história da cidade contribuem para a transformação/valorização da cultura local? Podemos reconhecer que efetivamente existe uma política cultural implementada pelo poder público como agente da cultura local, considerando as ações empreendidas e o conjunto de equipamentos e objetos culturais presentes no universo cultural da cidade? O trabalho configura-se como parte do contexto de uma pesquisa realizada através da disciplina geografia cultural no âmbito de um programa de pós-graduação em Geografia. O sentido e o papel da cultura no contexto da transformação espacial de Mossoró, na atualidade, devem ser compreendidos a partir da forma como a mesma é concebida e praticada. Percebemos que muita coisa ainda há por fazer nesse campo, a começar pelo delineamento de uma política para este setor que vá além das ações produzidas e dos fins desejados pelo mercado e pelos agentes oficiais da cultura, cujas agendas são pautadas na visibilidade das grandes produções e na promoção política que isso pode proporcionar, sem atentar para os problemas reais que a cidade ainda precisa resolver no tocante aos encaminhamentos de seus bens simbólicos e culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço urbano. Mossoró. Cultura

¹ Docente do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Endereço: Jazevedosoares@hotmail.com

ABSTRACT

This study deals with the relationship between urban space and culture, with the city of Mossoró / RN being the object of analysis. The objective is to reflect on the question of culture in the contemporaneity world based on the following questions: what is the meaning and role of culture in the process of spatial transformation of Mossoró, today? Does the use of symbols, images, marks and values of the tradition and history of the city contribute to the transformation / appreciation of the local culture? Can we recognize that there is indeed a cultural policy implemented by the public power as an agent of the local culture, considering the actions undertaken and the set of cultural objects and equipment present in the cultural universe of the city? The work is configured as part of the context of a research carried out through the discipline cultural geography within the framework of a postgraduate program in Geography. The meaning and role of culture in the context of Mossoro's spatial transformation today must be understood from the way it is conceived and practiced. We realize that much remains to be done in this field, starting with the design of a policy for this sector that goes beyond the actions produced and the ends desired by the market and the official agents of culture, whose agendas are based on the visibility of the great productions and In the political promotion that this can provide, without paying attention to the real problems that the city still needs to solve regarding the referrals of its symbolic and cultural goods.

KEY WORDS: Urban space. Mossoró. Culture

1 INTRODUÇÃO

A cultura parece estar (novamente) na moda. Nunca antes tanto se falou em cultura. Nunca antes tanto se desejou cultura. Tudo parece indicar que vivemos um novo momento em que a dimensão cultural ganha relevo nos tempos atuais, haja vista os fortes indícios de sua revalorização no mundo globalizado, potencializado pelo crescente interesse na ampliação do conhecimento sobre os lugares, as pessoas e suas referências culturais.

A importância da cultura é reconhecida e relacionada a momentos significativos da trajetória humana, como nos lembra o escritor Ernesto Sábato, o qual, em 'máquinas e engrenagens' (1951), refletia sobre os rumos que tomavam os acontecimentos no pós-guerra e indicava a influência da cultura nos rumos da humanidade: "De tempos em tempos, uma espécie de embriaguez acomete a humanidade, introduzida pelas vias da cultura" (1993, p. 37).

Nesse sentido, como então aproveitar e experimentar essa ‘embriaguez’ suscitada pelas ações culturais, que nos acomete periodicamente, e que poderia de forma promissora nos inserir na perspectiva da liberdade e autonomia desejada? Estaria a cultura ao nosso alcance para a consecução desses fins? Eagleton ressalta a ideia de que vivemos largamente para a cultura e destaca a nossa relação de proximidade com a mesma:

A cultura não é unicamente aquilo de que vivemos. Ela também é, em grande medida, aquilo para o que vivemos. Afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual, um sentido de significado último: tudo isso está mais próximo, para a maioria de nós. (2011, p. 184)

Se a cultura tem esse sentido para nós, como evidencia Eagleton, então nossa própria condição exige um maior conhecimento sobre essa dimensão da existência, até mesmo como forma de nos conhecermos mais e avançarmos em nosso processo evolutivo no sentido de ativarmos as solidariedades e as igualdades em termos de oportunidades e compromissos. Nesse caso, uma discussão sobre a cultura e seus rumos em relação a espaços como Mossoró/RN, se conduzida com seriedade e isenção tende a ser uma reflexão enriquecedora, desde que não se incorra nas redundâncias e simplificações tão comuns quando se aborda aspectos isolados ou em conjunto do referido tema.

O objetivo é fazer uma reflexão sobre a questão da cultura na contemporaneidade, tendo como referência empírica a cidade de Mossoró/RN; e, diante da complexidade e conteúdo (inesgotável) do tema, desde já advertimos que a discussão será conduzida e situada conforme os limites desse texto, que, prioritariamente, pretende questionar e ater-se sobre os seguintes aspectos da realidade em foco: qual o sentido e o papel da cultura no processo de transformação espacial de Mossoró, na atualidade? O uso de símbolos, imagens, marcas e valores da tradição e história da cidade contribuem para a transformação/valorização da cultura local? Podemos reconhecer que efetivamente existe uma política cultural implementada pelo poder público como agente da cultura local, considerando as ações empreendidas e o conjunto de equipamentos e objetos culturais presentes no universo cultural da cidade?

Esse estudo é produto de uma pesquisa realizada na disciplina de geografia cultural integrante de um Programa de Pós-Graduação em Geografia em nível de doutoramento. Para sua elaboração efetuamos leituras de autores tanto no âmbito da Geografia como de outras ciências que pudessem contribuir para a reflexão e análise do tema trabalhado. Além da literatura específica da temática em foco, realizamos extensa consulta aos jornais e *sites* sobre a cidade de Mossoró e as questões atinentes à cultura e seus desdobramentos no contexto local,

assim como devem ser considerados também a nossa observação e participação nos eventos e locais da cena cultural urbana que oferecessem as possibilidades concretas e objetivas para leituras que resultassem em estudos posteriores.

2 A QUESTÃO CULTURAL NA CONTEMPORANEIDADE

A questão cultural envolve diversas abordagens em seu estudo, como em todo assunto de relevância para a ciência. Não é nosso intuito enveredar pela explanação das mesmas, fato que foge aos nossos propósitos agora. Mas, em nossa reflexão é mister destacar a ideia ou significado de cultura para podermos compreender e relacioná-la no contexto da realidade em tela.

Como toda conceituação a ser construída no plano científico, a cultura, ou melhor, a definição desse termo, também apresenta dificuldades para atingir tal fim. Tal aspecto envolve toda uma discussão em que elementos oriundos de diferentes visões de mundo se fazem presentes e contribuem para a definição ou indefinição conceitual dos temas pertinentes à condição humana, a exemplo da cultura.

Alguns autores até preferem não conceituar o que seja cultura, como Cosgrove, para quem a cultura seria incapaz de ter uma definição conceitual clara sob pena de se incorrer no reducionismo: “pouco se ganha ao se tentar uma definição precisa de cultura. Fazê-lo implica sua redução a uma categoria objetiva, negando sua subjetividade essencial” (2003, p. 103). Para Lipovetsky e Serroy (2011, p. 7), cultura é um “conceito arriscado, não ignoramos isso de modo algum: quando se saca a palavra ‘cultura’, os revólveres não estão longe!”. Outros autores, porém, sugerem uma definição mais cautelosa, como Eagleton (2011, p. 54): “A cultura pode ser aproximadamente resumida como o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”.

A referida definição que Eagleton apresenta parece ser a mais difundida ao longo do tempo, pois envolve a ideia inicial que sempre vem à tona quando nos lembramos do significado do termo, que nos remete à referência às práticas, valores, costumes e crenças. Todavia, devemos atentar para uma compreensão mais abrangente do termo que apresenta nível mais elevado de complexidade revelada em nossa relação dialética com o mundo:

Neste único termo, entram indistintamente em foco questões de liberdade e determinismo, o fazer e o sofrer, mudança e identidade, o dado e o criado. Se cultura significa cultivo, um cuidar, que é ativo, daquilo que cresce naturalmente, o termo

sugere uma dialética entre o artificial e o natural, entre o que fazemos ao mundo e o que o mundo nos faz (EAGLETON, 2011, p. 11).

A opção por essa análise da relação da cidade de Mossoró com a cultura, justifica-se tendo em vista a motivação derivada do fato de que a força da cultura encontra também no urbano as condições para sua manifestação concreta, uma vez que a cidade, a rede urbana e a urbanização são condições e expressões da cultura (CORRÊA, 2003).

Noz últimos tempos, o foco sobre a dimensão da cultura ganha fôlego para sua renovação no campo da geografia, uma vez que a diversidade cultural adquire mais visibilidade no mundo globalizado e, assim, mais do nunca, o estudo da cultura em sua relação com o espaço, constitui uma fonte viva do pensamento geográfico, como diz Berdoulay. Para este, na relação entre espaço e cultura é necessário repensar a herança do passado, aspecto relevante para a compreensão da cultura como projeção no futuro:

A cultura não é somente uma questão de herança do passado nem é feita da experiência presente; ela corresponde, talvez, antes de tudo, a uma projeção no futuro. Efetivamente, encontramos aqui a tensão entre contextos herdados ou vividos e valores que não estão necessariamente a eles associados: as noções de sujeito, de lugar, de cultura implicam distanciamento e reflexividade que fundam seu interesse analítico. É por causa dessas considerações que o estudo geográfico das relações entre espaço e cultura propõe repensar a herança do passado (BERDOULAY, 2012, p. 122).

Ainda sobre as articulações entre espaço e cultura, no âmbito da geografia devemos considerar a relação da cultura com a política, ou seja, a geografia cultural e a geografia política são abordagens que compartilham interesses comuns pela cultura democrática (Berdoulay, 2012). Nesse sentido, se de fato queremos evidenciar a renovação dos estudos culturais, contrapondo-se a uma ‘concepção estática e totalizante da cultura’, convém atentarmos para a aproximação dessa relação entre a política e a cultura, que pode ser instrumento para a autonomia e libertação ou para promover a submissão e o conformismo dos grupos sociais, a depender dos contextos espaciais e de suas especificidades.

Em um estudo sobre a cultura em sua relação com o espaço em cidades como Mossoró, ganha amplitude a importância da articulação entre a cultura e a política, ponto fundamental para a compreensão da ordem espacial em construção nessa localidade. A literatura sobre essa relação é vasta e abrangente, mas convém destacar a forma como a cultura é utilizada como elemento para impor e legitimar a supremacia seja de uma classe, de grupos ou de indivíduos.

Nesse sentido, a cultura como instrumento ao serviço da hegemonia de classes ou de grupos que apresentam interesses minoritários, específicos e assim não condizentes com as

aspirações mais gerais de uma sociedade, perderia assim a condição de contribuir, se utilizada de outra forma, para algumas positivities que a humanidade sempre desejou, notadamente, em termos de sua liberdade e autonomia.

Sobre tal aspecto no contexto da sociedade estruturada em classes, Cosgrove (2003, p. 120), afirma: “A cultura hegemônica é um instrumento estruturado e estruturante de conhecimento e comunicação, senso comum e a base da ordem moral. Na sociedade de classes, ela cumpre um papel político de impor e legitimar a dominação de classes.”. Também Ianni (1992, p. 155) reforça esse pensamento acerca da força e uso da cultura como instrumento de dominação: “Em síntese, a cultura é uma dimensão fundamental da hegemonia que pode ser construída por uma classe, composição de forças sociais, bloco de poder, Estado. Toda configuração hegemônica é necessariamente cultural”.

A relação da cultura com o espaço urbano passa também por uma reflexão sobre como a mesma é encarada no atual estágio da modernidade capitalista; afinal, como dizem Lipovetsky e Serroy (2011, p. 7), “com o novo ciclo de modernidade que recompõe o mundo, constituiu-se um regime inédito de cultura”. Dessa forma, teríamos nesse novo tempo em curso a ampliação do domínio do mercado através da apropriação dos objetos da história e das tradições populares, como assim afirma Canclini (2011, p. 159): “posto que pretendem abarcar todos os setores, os projetos modernos se apropriam dos bens históricos e das tradições populares”. Nesse sentido, Lefebvre (1991, p. p 132) indicaria essa relação da cultura com o mercado: “A cultura não seria o acomodamento da obra e do estilo ao valor de troca? Fato que permite sua comercialização, com a produção e o consumo desse produto específico”.

Mas, como traduzir esse momento atual de apropriação e domínio dos setores de nossa existência a partir da nova ordem comandada pelas forças da globalização, que transformam a cultura em um dos pilares de sustentação e garantia de sua supremacia, transformando-a em uma ‘cultura-mundo’ e a fazendo evoluir em escala planetária? A esse respeito assim se referem Lipovetsky e Serroy (2011, p. 7):

Pois a era hipermoderna transformou profundamente o relevo, o sentido, a superfície social e econômica da cultura. Esta não pode mais ser considerada como uma superestrutura de signos, como o aroma e a decoração do mundo real: ela se tornou mundo, uma cultura-mundo, a do tecnocapitalismo planetário, das indústrias culturais, do consumismo total, das mídias e das redes digitais. Através da excrecência dos produtos, das imagens e da informação, nasceu uma espécie de hipercultura universal que, transcendendo as fronteiras e confundindo as antigas dicotomias, reconfigura o mundo em que vivemos e a civilização por vir.

Todavia, parece ainda haver espaço para uma interação que resulte em uma possível acomodação das partes mais frágeis nesse mundo que parece sucumbir à tentação do moderno ao passo que tenta suprimir o culto às tradições populares. Nesse caso, haveria a redução do papel do culto popular, mas não a sua supressão, ou seja, há um redimensionamento das atividades da tradição e do meio popular, e não à sua total desconstrução. Assim, visto dessa forma, isso contribui para esclarecer esse aspecto da luta desigual entre modernistas e tradicionalistas no intrincado jogo em que essas forças participam. Tal fato é assim visto por Canclini (2011, p. 277)²:

O conflito entre tradição e modernidade não aparece como o sufocamento exercido pelos modernizadores sobre os tradicionalistas, nem como a resistência direta e constante de setores populares empenhados em fazer valer suas tradições. A interação é mais sinuosa e sutil. Os movimentos populares também estão interessados em modernizar-se e os setores hegemônicos em manter o tradicional, ou parte dele, como referente histórico e recurso simbólico contemporâneo. Ante essa necessidade recíproca, ambos se vinculam mediante um *jogo de usos* do outro nas duas direções. A assimetria continua existindo, mas é mais intrincada que o que aparenta o simples esquema antagônico entre tradicionalistas e modernizadores, subalternos e hegemônicos.

O estabelecimento da denominada indústria cultural configura-se como o momento crucial dessa realidade em transformação impulsionada pelas forças do mercado. Nesse caminho tortuoso em que o consumidor é visto como objeto e não como sujeito por essa indústria cultural (ADORNO, 1986), convém pensar sobre os enredos que nos conduziram e nos conformaram à chamada sociedade de massas, a qual, segundo Arendt (2009), representa uma ameaça à cultura, posto que a mesma apenas se interessa por diversão.

Mesmo assim, o consumo dos bens culturais não parecer encontrar a homogeneidade que pensamos, havendo até uma certa oposição entre os consumidores atuais, no sentido que a cultura tem para cada um deles, como lembra Morin (2009, p. 87/88): “há, no seio do consumo, heterogeneidade, para não dizer oposição, entre aqueles para os quais a cultura é uma experiência e aqueles para os quais ela é um enfeite”.

² Em visita ao Alto José do Pinho na região de Casa Amarela, em Recife/PE, em estudo de campo realizado pela disciplina geografia cultural, do programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE, percebemos, com certa surpresa, como o representante do ‘maracatú’ dessa localidade, falava com bastante naturalidade (e com ar de insuspeito orgulho) do fato de sua entidade sempre disputar o primeiro lugar em sua categoria no carnaval recifense. Talvez essa explicação de Canclini justifique porque o Maracatú do Alto José do Pinho tenha redimensionado seu papel e sua atuação para continuar existindo – tendo para isso que se submeter à competição com outros seus similares -, pois entendemos que o maracatu deveria se apresentar em nome da tradição e da história, extraindo daí sua valorização como símbolo da riqueza cultural e a consequente garantia de sua permanência no contexto da cultura local, sem necessidade de entrar em clima de competição e disputas por prêmios em dinheiro.

Talvez, por isso mesmo, possamos dizer que a indústria cultural não tenha até aqui conseguido sua hegemonia completa. Tal realidade é mais percebida no espaço das cidades onde os interesses convergentes e os impasses entre a cultura popular e a cultura de massas encontram o palco para suas manifestações e exacerbações num intrincado e persistente jogo dialético, assim descrito por Santos (2007, p. 86-7): “É por isso que as cidades abrigam ao mesmo tempo uma cultura de massas e uma cultura popular, que colaboram e se atritam, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem, num jogo dialético sem fim”.

Conforme essa realidade enfocada, alguns segmentos ou grupos sociais seriam mais suscetíveis e conformes aos ditames da cultura de massas, a qual encontraria neles a razão para seu crescimento e aceitação sem questionamentos de sua acelerada e inconstante produção. Setores das classes médias estão entre os segmentos de consumidores mais vulneráveis às investidas da indústria cultural, como assim, Santos (2007, p. 86) entende: “as classes médias amolecidas se deixam absorver pela cultura de massa e é dessa cultura de massa que tiram argumento para racionalizar sua pobre existência”. Por sua vez, Morin evidencia que os apelos da cultura de massas surtem efeito junto à juventude atual que tende assim a aderir e experimentar de forma mais intensa os conteúdos postos à sua disposição:

A cultura de massa ‘acultura’ as novas gerações à sociedade moderna. Reciprocamente, a juventude experimenta de modo mais intenso o apelo da modernidade e orienta a cultura de massa nesse sentido. Há, portanto, intensificação, no plano da adolescência, dos conteúdos e dos efeitos da cultura de massa. (MORIN, 2011, p. 152)

Para outros, não há um segmento específico a destacar nesse contexto de domínio da cultura de massas, apenas a parcela da população composta por aqueles que se submetem ao consumo dos seus produtos, compreendendo, assim, uma ‘marginalidade de massas’, que se tornou uma maioria silenciosa, como assim se refere Certeau (2012, p. 43):

A figura atual de uma marginalidade não é mais a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massas; atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria silenciosa.

No entanto, diante dos equívocos, inconstância e falta de autenticidade da cultura de massas, haveria ainda quem acredite na possibilidade de uma ‘revanche’ da cultura popular dada à força de sua simbologia capaz de encontrar os meios para a sua resistência e afirmação, em detrimento da cultura de massas cuja simbologia ideológica posta ao serviço do poder e do

mercado não teria a sustentação necessária e, assim, estaria fadada a morrer precocemente (SANTOS, 2001).

Outro aspecto a destacar é sobre a cultura de massa e o lazer, uma vez que, este, na modernidade atual assumiu uma dimensão de considerável relevância na vida das sociedades, especialmente, no ambiente urbano. Se o consumo da cultura de massa se verifica em grande parte no lazer moderno (MORIN, 2011), então a cultura tornada integralmente mercadoria, deve também se tornar a ‘mercadoria vedete da sociedade espetacular’, como afirma Debord (1997).

Esta ideia de ‘sociedade espetacular’ em que a cultura assume essa condição de sua ‘mercadoria-vedete’, é um reflexo do perfil da realidade atual dominada por símbolos, ícones, marcas e valores que caracterizam nossa época e definem outros rumos para as cidades e as pessoas a partir das tramas e enredos desencadeados por suas vivências e relações.

No caso de Mossoró, em nossa compreensão a definição dessa realidade em seu espaço resultou na tentativa de produzi-la como uma espécie de ‘capital da cultura’, como forma de dar visibilidade e projeção à mesma, no intuito de resguardar determinados interesses e legitimidades, como veremos a seguir, a partir do relato em que as atividades culturais no contexto de uma proclamada política cultural assumem determinada relevância como dimensão principalmente no sentido de promover o resgate e a valorização de sua história e tradições.

3 A INVENÇÃO DE UMA CAPITAL DA CULTURA

A produção do espaço urbano de Mossoró, a partir da década de 1980, ocorre após a inserção e/ou expansão de novas atividades econômicas em seu território, notadamente através do petróleo, fruticultura irrigada e sal, que, juntos, passam a comandar a economia local, movimentando e dinamizando outros setores da cidade.

Por parte do setor público local há a preocupação em preparar a cidade para atrair grandes investimentos privados, haja vista a parceria que o Município mantém com as novas empresas que chegam à cidade, favorecendo a instalação das mesmas com a doação de terrenos, em alguns casos, e a criação de infraestrutura para viabilizar o funcionamento dessas empresas. Dessa forma, percebemos que o setor público de Mossoró atua em sintonia com as ações de sentido modernizante do espaço urbano local.

Assim, além da execução de projetos voltados para a reestruturação da sua malha viária e de obras de embelezamento de praças e avenidas, o poder público também elegeu o campo da

cultura e do lazer como principal forma de sua promoção como “cidade-espetáculo”, a partir da iniciativa do grupo dominante da política local, em fins dos anos 1990, caracterizando, em nosso entendimento, o que seria uma “combinação eficiente de mecenato e orgulho cívico, cimentado pelo desejo de se apresentar como um novo patriciado” (ARANTES, 2007, p. 34).³

Nesse sentido, uma das primeiras iniciativas por parte do agente público seria a transformação da antiga estação ferroviária da cidade que passou a ser a Estação das Artes (1998), um espaço destinado a ser o cenário principal das manifestações culturais da cidade e, obra embrionária do esboço do que viria a ser o chamado “Corredor Cultural” da cidade, na Avenida Rio Branco, posteriormente. Sobre o sentido atribuído a iniciativas dessa natureza no espaço das cidades, Serpa (2007, p. 107) assim argumenta:

No período contemporâneo, o ‘consumo cultural’ parece ser o novo paradigma para o desenvolvimento urbano. As cidades são reinventadas a partir da reutilização das formas do passado, gerando uma urbanidade que se baseia, sobretudo, no consumo e na proliferação (desigual) de equipamentos culturais. Nasce a cidade da ‘festa-mercadoria’. Essa nova (velha) cidade folcloriza e industrializa a história e a tradição dos lugares, roubando-lhes a alma. É a cidade das requalificações e revitalizações urbanas, a cidade que busca vantagens comparativas no mercado globalizado das imagens turísticas e dos lugares-espetáculos.

Outra obra de grande expressão para a cultura local ocorreu com a construção do Teatro Municipal Dix-Huit Rosado.⁴ A partir de sua inserção na vida cultural local tornou-se voz corrente na cidade que Mossoró tornara-se, efetivamente, a “capital cultural do Rio Grande do Norte”, pela efervescência cultural do momento em termos de espetáculos, assim como pela aparente motivação apresentada pelos inúmeros grupos de teatro e artistas existentes em seu território.

Apesar da existência de outros teatros na cidade, a construção de um espaço que chamasse a atenção pela beleza e modernidade da arquitetura e por sua estrutura grandiosa para se constituir no cenário mais que perfeito de grandes espetáculos cênicos, tem relação direta com a forma como a cultura passa a ser um instrumento para divulgar e projetar a cidade na

³ Essa fase de Mossoró em que os investimentos públicos (em parcerias ou não com a Petrobrás) traduziram-se em obras para a construção de espaços destinados à cultura e ao lazer, têm como marco a transformação da antiga Estação Ferroviária da cidade em Estação das Artes, em 1998, durante o segundo mandato da então prefeita Rosalba Ciarlini, atual chefe do executivo local.

⁴ A construção do referido teatro tornou-se possível através da parceria da prefeitura Municipal de Mossoró com a Petrobrás, tendo sua Inauguração em agosto de 2004, com show da cantora Gal Costa. O nome desse espaço é uma homenagem ao ex-prefeito da cidade Dix-Huit Rosado, o qual, segundo informações na imprensa local, nesse período, lutara durante seus mandatos para dotar a cidade desse empreendimento.

perspectiva de incluir Mossoró no ‘mercado de cidades’ que valorizam a arte e a cultura, como sendo seus diferenciais para uma possível sua inserção no cenário turístico regional. A esse respeito, Vainer (2007, p. 78) ressalta o seguinte:

A cidade é uma mercadoria a ser vendida, num mercado extremamente competitivo, em que outras cidades também estão à venda. Isto explicaria que o chamado *marketing urbano* se imponha cada vez mais como uma esfera específica e determinante do processo de planejamento e gestão de cidades.

Assim, é que podemos compreender a urbanização da Avenida Rio Branco⁵ como espaço requalificado para constituir-se em cenário do chamado “corredor cultural e de lazer” da cidade, onde ocorrem as festas e eventos proclamados como as manifestações culturais da cidade e, onde se situam além da Estação das Artes e o Teatro Municipal, alguns investimentos públicos de porte considerável destinados a diferentes fins como, a Praça de convivência, a Praça de Eventos, A Praça dos Esportes e o Parque da Criança, além do Memorial da Resistência.⁶

Após o período inicial de investimentos em obras no espaço público de Mossoró, em fins dos anos 1990, dá-se a idealização de projetos que visam promover o resgate dos bens simbólicos fundados na história e tradição local no sentido de suas divulgações e visibilidade em forma de espetáculos e encenações: nascem, assim, as duas maiores festas da cidade na atualidade – o Mossoró Cidade Junina e a Festa da Liberdade. Tradição e feito histórico são envolvidos para dar uma nova forma a conteúdos pré-existentes; e, nesse caso, numa perfeita comunhão a celebrar a convergência de interesses entre o setor público e o privado, ainda que este último quase sempre tenha mais poder para influir nessas escolhas, como assim indica Serpa (2007, p. 169-70):

É o mercado quem vai ditar em última instância quais manifestações culturais devem ser ‘revitalizadas’ ou ‘retradicionalizadas’, afastando-as gradativamente do seu sentido e valor de culto originais e transformando, nesse processo, a experiência e a memória dos envolvidos em vivência e mercadoria, a ser consumida como objetos de marketing empresarial ou turístico.

⁵ A Avenida Rio Branco é uma extensa artéria que corta várias partes da cidade, atravessando bairros distintos, inclusive o centro. A parte onde foi urbanizada é restrita à área central da cidade e foi inaugurada em 2008, numa parceria do Governo do Estado com a Prefeitura Municipal de Mossoró.

⁶ Memorial construído como forma de reverenciar o ato de resistência da cidade à tentativa de invasão do bando de Lampião, em 1927. Inaugurado em 2008 a um custo de R\$ 2 milhões.

Sobre os eventos públicos realizados em Mossoró, cabem aqui algumas considerações a respeito dos mesmos em virtude da importância que alguns deles assumiram para a cultura e o lazer da cidade, bem como para promover a sua divulgação como “cidade-espetáculo”.

O Projeto “Mossoró Cidade Junina” é composto por um leque de atrações durante o período e se realiza ao longo do Corredor Cultural da Avenida Rio Branco, abrangendo a Estação das Artes – cenário principal do evento -, a Praça de Eventos e a área ao lado da igreja de São Vicente.⁷

Não obstante o leque variado de opções postas pelo Projeto “Mossoró Cidade Junina” para a apreciação e diversão do público em geral, a grande expectativa do evento é voltada para as apresentações de bandas de forró e artistas que estão em evidência na mídia, reforçando a ideia de uma “‘espetacularização’ crescente do espaço público na cidade contemporânea, transformando as festas e as manifestações populares em ‘festas-mercadoria’ para o consumo cultural de massa”. (SERPA, 2007, p. 114)

Assim, a seleção de grupos e artistas que vão se apresentar no palco maior da Estação das Artes obedece unicamente ao critério do nível de massificação destes, ou seja, quase sempre apenas são contratados quem deles estiver mais em evidência na mídia e, assim, possa atrair mais público para o local do evento. A quantidade de público é o fim a ser perseguido e comemorado pelo setor público e mídia local, quando supostamente ocorre a quebra de recordes de presentes na Estação das Artes, nas ocasiões em que algumas ‘celebridades’ do momento do meio artístico se apresentam.

Com a criação do Projeto “Mossoró Cidade Junina”, a cidade tenta se inserir no grande circuito de festas que identificam algumas das cidades do Nordeste, especialmente, Campina Grande (PB) e Caruaru (PE), entre outras, em relação aos festejos juninos. Esse evento, realizado durante quase todo o mês de junho, atrai grande público à Estação das Artes, e, em

⁷ Entre os itens que compõe o Projeto do Mossoró Cidade Junina, salientam-se o “cinema na roça”, concurso de sanfoneiros, festival de violeiros, festival de quadrilhas, o projeto “sorrindo no São João” (festival de humor), o projeto “Misturando as Poesias”, o Projeto “Botando Boneco” (teatro de mamulengos), que acontecem na Praça de Eventos onde ocorre também a feira de artesanato e comidas típicas. Também há espaço para o típico forró pé de serra em arena montada para esse fim. Ao lado da Igreja de São Vicente onde ocorrem as apresentações do espetáculo “chuva de bala no País de Mossoró”, é instalada uma espécie de réplica de cidadezinha do interior, a “cidadela junina”, local que oferece uma opção alternativa à Estação das Artes. Os shows na Cidadela Junina contam com atrações da terra, já que o local abre espaços para os artistas da cidade e do estado. A programação musical da Cidadela Junina é variada e o público desfruta de uma agenda alternativa de shows em aparente contraposição ao estilo musical dos shows que ocorrem na Estação das Artes.

pouco tempo, configurou-se como a maior festa local, tornando-se oficialmente “patrimônio” da cidade.⁸

Se, por um lado, o “Mossoró Cidade Junina” tornou-se o maior evento do gênero no estado e um dos principais do Nordeste, pelo valor do investimento e presença de público; por outro, sua idealização e inserção como evento grandioso na vida cultural da cidade acarretou na perda de espaço desse tipo de festejo nas comunidades dos diversos bairros da cidade, uma tradição que tem sua continuidade ameaçada, uma vez que, as que ainda resistem, para não “concorrer” com o evento “carro-chefe” de divulgação da cidade na mídia regional e até nacional, são forçadas a realizar seus festejos nos meses subsequentes a junho. Assim, passou a ser comum ver em algumas áreas da cidade os chamados “arraiás” de bairro ainda festejando o período junino, porém, já nos meses de julho e agosto. Talvez seja o caso do que ressalta Serpa (2012) ao falar do ‘enredo do lugar’ sufocando o enredo dos lugares da cidade.

No contexto do “Mossoró Cidade Junina” ocorrem as apresentações do projeto “Chuva de Bala no País de Mossoró”. Trata-se de um evento em que a cidade através da arte, “glorifica” a coragem e o heroísmo dos mossoroenses que resistiram as pretensões do cangaceiro Lampião em invadir e saquear a cidade.⁹

Quanto à “Festa da Liberdade”, trata-se de um projeto (1999) que exalta a libertação antecipada concedida aos escravos da cidade (1883), sendo extensivo também a outros feitos históricos da cidade como, o Motim das Mulheres (1875), à Resistência a Lampião (1927), e o pioneirismo do Voto Feminino (1928). Esses quatro atos históricos ganham vida através da encenação do “Auto da Liberdade”, quando dezenas de atores e milhares de espectadores participam desses momentos de intensa significação na perspectiva de fortalecimento do sentimento cívico local.¹⁰

⁸ Conforme Lei aprovada pela Câmara Municipal de Mossoró.

⁹ O Projeto “Chuva de Bala no País de Mossoró” passou a ser encenado em 2003, no Adro da Capela de São Vicente, que se constitui como o cenário real da batalha entre mossoroenses e cangaceiros, ocorrido em 1927, conforme a história oficial. Trata-se de um musical épico em que uma mescla de ficção e realidade é exposta ao expectador ao se narrar a história dessa resistência dos mossoroenses, sendo encenada por dezenas de atores locais e constitui uma das principais atrações do Mossoró Cidade Junina.

¹⁰ Até 2008, esse espetáculo era apresentado na Estação das Artes e dado o número crescente de participantes a pretensão era torná-lo o maior espetáculo ao ar livre do mundo, chegando a ter até 2.000 protagonistas entre atores e figurantes. A partir de 2009, tal evento passou a ser apresentado em recinto fechado, no Teatro Municipal, dada

Através de iniciativa como essa, percebemos que há a intenção por parte da elite dirigente local de associar a imagem de libertária à própria cidade, projetando-a na mídia como um lugar em que a liberdade é uma conquista de todos da cidade, feita por alguns, ontem e, usufruída por todos, hoje, como podemos perceber através da massiva propaganda difundida pela prefeitura e mídia local.¹¹ Sobre essa questão da construção da imagem da cidade Sanches (2009, p. 185) assim explica:

A construção da imagem da cidade está intrinsecamente ligada a representações e ideias. Trata-se, portanto, de uma construção social, subordinada a visão de mundo daqueles que, ao se imporem como atores dominantes nos processos de produção do espaço, também ocupam posição privilegiada para dar conteúdo ao discurso sobre esse espaço.

Como partes integrantes dos festejos alusivos à Festa da Liberdade, constam também nas comemorações o “Seminário Novas Liberdades” – ciclo de palestras e debates -, e a realização de shows na Estação das Artes e Praça de Eventos, ocasionalmente.¹² No feriado municipal do dia 30 de setembro, realiza-se o chamado “Cortejo Cultural”.¹³ A projeção e visibilidade que se tenta dar a alguns acontecimentos parece encontrar nesse evento sua maior expressão cívica, considerando a participação e o envolvimento dos que desfilam ou apenas assistem a esse espetáculo nas ruas do centro da cidade.

A realização de eventos e espetáculos como os que ocorrem em Mossoró, fundamentalmente baseados nos apelos da história e nos enredos da tradição é uma questão para

as despesas elevadas com a vinda de diretores consagrados no cenário nacional e a própria grandiosidade do evento que requeria altos investimentos.

¹¹ “Um dos maiores espetáculos ao ar livre do mundo celebrando a liberdade e a coragem de um povo. O Auto da Liberdade é uma bela e merecida homenagem aos quatro grandes atos libertários da história de Mossoró – Motim das Mulheres (1875); Libertação dos Escravos (1883); Resistência ao bando de Lampião (1927); e o Primeiro voto feminino da América Latina (1928). Encante-se com esse espetáculo que encena a história de orgulho e glória do povo mossoroense” (*site* da Prefeitura Municipal de Mossoró. Setembro/2008).

¹² Em 2011, o Show da Liberdade aconteceu simultaneamente na Estação das Artes (com bandas populares de forró) e na vizinha Praça de Eventos (com artistas de peso da MPB), constituindo-se numa segmentação e diferenciação do público a partir do estilo e preferência musical. Para a Gerência de Cultura da Prefeitura foi uma forma de atender a todos os gostos musicais e estimular a participação de todos na referida festa.

¹³ Este Cortejo teve início como um desfile de caráter cívico-militar, instituído em 1922, para inaugurar o obelisco da Praça da Independência, sendo transformado em Cortejo Cultural em 1998. Desde então, milhares de pessoas “fazem uma evolução lúdica, com figurinos e alegorias que representam a Mossoró de todas as liberdades”. (*Site* da prefeitura Municipal de Mossoró, setembro/2008). Este desfile é dividido em dois momentos: o desfile cívico-militar e o desfile cultural, reunindo centenas de pessoas, que através da dança e do teatro contam a história da libertação dos escravos em Mossoró.

ser analisada com bastante cautelosa, em função da importância que esses eventos assumem para a cidade e para não incorrerem em julgamentos apressados que, por vezes, podem se revelar tendenciosos.

Pensando assim, qual seria o sentido de ‘tradição’ empregado aqui nesse relato já que o termo é tão evidenciado quando associado à realidade em questão? E, por que a ‘tradição’ é evocada por uma Mossoró supostamente ávida em mostrar ao mundo esse seu lado aparentemente positivo e atraente nesses tempos modernos? Assim, ‘tradição’ para Bauman (2000) é uma escolha e uma invenção em nosso tipo de sociedade. Para Eliade (2011), o uso seletivo da memória contribui para essa reinvenção das tradições que vemos aparecer ultimamente. Por sua vez, Canclini (2011, p. 160) de maneira mais abrangente discute a questão do patrimônio histórico no contexto de reativação de referentes aparentemente estranhos à modernidade: “É preciso analisar as funções do patrimônio histórico para explicar porque os fundamentalismos – ou seja, a idealização dogmática desses referentes aparentemente estranhos à modernidade – têm-se reativado nos últimos anos”.

A relação de Mossoró com a cultura ainda se traduz através do espetáculo teatral “Oratório de Santa Luzia”. Tal evento constitui-se como forma de reverenciar a padroeira da cidade no mês de dezembro em dias que antecedem a data dedicada às suas homenagens por parte dos seus devotos.¹⁴

Percebemos, assim, que a cultura e o lazer “festivos” configuram-se como entre os instrumentos prioritários para projetar e dar visibilidade as ações e interesses do grupo dominante no sentido da “espetacularização” da cidade como forma de expressão do moderno, mesmo que usando os valores e significados da história e da tradição como meio para o alcance desses objetivos. Assim, em relação ao que acontece nesse momento com a cultura e suas trajetórias em território mossoroense, destacamos as palavras esclarecedoras de Canclini (2011, p. 161-2) acerca dessa realidade:

Entender as relações indispensáveis da modernidade com o passado requer examinar as operações de ritualização cultural. Para que as tradições sirvam hoje de legitimação para aqueles que as construíram – ou se apropriaram delas, é necessário colocá-las em cena. O patrimônio existe como força política na medida em que é teatralizado: em comemorações, monumentos e museus. [...]. A teatralização do patrimônio é o esforço para simular que há uma origem, uma substância fundadora, em relação à qual deveríamos atuar hoje. Essa é a base das políticas culturais autoritárias. O mundo é

¹⁴ Espetáculo encenado no Adro da Catedral, no Centro da cidade.

um palco, mas o que deve ser representado já está prescrito. As práticas e os objetos valiosos se encontram catalogados em um repertório fixo.

O fato é que a cidade acredita - e tem realizado investimentos com essa finalidade -, na possibilidade de alavancar o turismo local, principalmente, levando em conta suas tradições e feitos históricos, embora também considere o fato da mesma ser a porta de entrada do polo Costa Branca (composto por outros municípios da região), área de potencial turístico em processo de dinamização no interior do estado.

A expectativa de projeção da cidade principalmente através da cultura, fez com que a prefeitura, em 2006, lançasse a candidatura de Mossoró ao título de “Capital Brasileira da Cultura”, através de um concurso promovido por uma ONG norte-americana que consistia em escolher uma cidade a cada ano para receber esse título. Na verdade, o prêmio maior seria a visibilidade em âmbito nacional que a cidade teria durante todo o ano para divulgar suas riquezas culturais na perspectiva de atrair visitantes.¹⁵ O fato é que cidade de Mossoró não seria a eleita entre as cidades participantes, e o assunto relativo a essa iniciativa rapidamente desapareceu do noticiário da imprensa local e do site da municipalidade.

Um panorama do que representou o desenvolvimento da cultura em solo mossoroense, no período iniciado em fins do século passado com repercussões até o presente momento, evidencia um quadro que, por um lado, oscila entre a animação pela abertura de espaços voltados para a valorização das expressões culturais e o surgimento de oportunidades para a efetivação de trabalhos e projetos para autores e artistas locais; por outro, porém, parte dessas iniciativas ainda é vista com certa inquietação por alguns dos protagonistas da cena cultural da cidade, que percebem o uso da arte em sua relação estreita com a política, gerando, assim, interesses conflitantes na articulação da proposta cultural em voga.

Compreendemos que a cultura como qualquer outra dimensão da nossa existência, é instância capaz também de revelar o lado tenebroso de nossa condição e, dessa maneira, se a cultura pode ser concebida como solução, ela também pode se transformar em problema, como argumenta Eagleton, (2011, p. 60-1): “aquilo que era antes concebido como o reino de consenso

¹⁵ A participação de Mossoró nesse evento era assim justificada no período: “Mossoró tem muitas características e potenciais que possibilitam e já lhe institui como uma capital da cultura. Atualmente a cidade vive uma efervescência cultural e, com isso, também um desejo de se transformar na Capital Brasileira da Cultura, título este que se somará a outros que a cidade possui” (Gonzaga Chimbinho, Presidente da Fundação Municipal de Cultura. Gazeta do Oeste, 09.01.2006).

foi transformado em um terreno de conflito. Cultura, em resumo, deixou de ser parte da solução para ser parte do problema”.

Em tempos mais recentes, pouca coisa mudou na paisagem cultural da cidade. Nesse sentido, convém ressaltar a abertura da Escola de Artes como atendimento a uma reivindicação antiga dos artistas da cidade que lutavam por um espaço destinado a formação para as artes.¹⁶ Para o poder público local, “a Escola de Artes de Mossoró era o instrumento que faltava para a consolidação do projeto cultural da cidade. Trabalhamos muito pela cultura mossoroense, e deixaremos um grande legado nessa área”.¹⁷ Em fins de 2012, ocorreu à reabertura do Museu Municipal Lauro da Escóssia, após vários anos fechado para reformas e, por isso mesmo, alvo de reclamações e protestos dos que lutavam por sua reinserção no espaço da cultura local.¹⁸

O fato é que o tempo evidenciaria que a realidade que se projetava para o setor cultural da então cidade que “respirava cultura”, como seus dirigentes assim se referiam, há até bem pouco tempo¹⁹, iria mostrar que as tentativas de a tornar uma atraente e pujante “capital da cultura” cujos enredos e tramas se desenvolviam num contexto de aparente prioridade para esse setor, estaria efetivamente com seus dias contados.

Logo, o quadro da crise atual revelaria o drama em pequenos atos em que a cena cultural mossoroense se veria imersa²⁰; posto que, sem os investimentos e atenções de outrora, restaria apenas o descortinar do grande espetáculo a revelar a insustentável leveza que, ao longo do

¹⁶ A referida Escola foi inaugurada em 27.03.12 e passou a contar com cerca de 430 alunos e 11 professores, nesse ano, contemplando a música, teatro e dança. (site da Prefeitura Municipal de Mossoró, dez/2012).

¹⁷ Fatima Rosado, prefeita de Mossoró (site da Prefeitura Municipal de Mossoró, 15/06/12).

¹⁸ O Museu Municipal foi reformado a um custo de R\$ 2,6 milhões após passar cerca de uma década fechado. Pouco antes de sua reabertura, a prefeita Fafá Rosado assim se pronunciava a respeito: “*fico realizada em poder entregar mais um grande benefício na área da cultura. A partir do próximo mês, o Museu estará novamente aberto, com instalações modernas e dignas para receber a população e os turistas*” (site da Prefeitura Municipal de Mossoró, em 28/11/12)

¹⁹ Em discurso proferido na Câmara Municipal de Mossoró, em princípios de 2013, a então prefeita Cláudia Regina Freire leu a mensagem anual do executivo municipal. Em relação à cultura, ela diria: “Apoiaremos a criatividade de nossos grupos culturais. Aliás, registre-se que Mossoró tem uma política cultural consistente. Vamos fortalecer o Prêmio Fomento, para incentivar nossos artistas. O Corredor da Avenida Rio Branco é um espaço diversificado e que reflete esse perfil. Vamos ampliar esse corredor, com a instalação da ‘Vila Arena’, uma estrutura para apresentações culturais e para sediar o talento de nossos grupos artísticos. Os eventos serão fortalecidos, com destaque para o Mossoró Cidade Junina, reconhecido a partir de projeto de lei de nossa autoria, referendado por esta casa, como um patrimônio de todos os mossoroenses. A Festa da Liberdade, que exalta nossa história, sempre terá importância destacada” (Site da Prefeitura Municipal de Mossoró. 19/02/13).

²⁰ Atualmente, até mesmo a Secretaria de Cultura local foi extinta, estando agregada à Secretaria de Educação.

tempo, produziu essa “ilha da fantasia” a inebriar protagonistas e assistentes nos palcos da vida local.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O sentido e o papel da cultura no contexto de transformação espacial de Mossoró, na atualidade, devem ser compreendidos a partir da forma como a mesma é concebida e praticada enquanto dimensão da nossa existência no espaço da cidade. Não obstante à mobilização feita no sentido de se dotar a cidade através de projetos e de um conjunto de equipamentos e objetos para ampliar suas possibilidades culturais, percebemos que muita coisa ainda há por fazer (e por mudar), a começar pelo delineamento de uma política para este setor que vá além das ações produzidas e dos fins desejados pelo mercado e pelos agentes oficiais da cultura, cujas agendas são pautadas na visibilidade das grandes produções e na promoção política que isso pode proporcionar.

Devemos criticar a postura de dirigentes que buscam a todo custo de forma imediatista e, por isso mesmo, inconsequente, dar visibilidade a projetos e ações que nem sempre são pertinentes ou adequados à realidade do momento. O episódio da tentativa de ‘fazer’ Mossoró como capital nacional temporária da cultura – competindo com outros espaços que se mostravam mais avançados em termos de uma política mais efetiva para a valorização e divulgação de suas riquezas culturais - é um exemplo claro da forma equivocada de uso da cultura por parte de alguns de seus dirigentes que, naquele momento, visavam apenas à ampla divulgação nos espaços midiáticos para promover a cidade como atração turística, sem atentar para os problemas reais que a cidade ainda precisava resolver no tocante aos encaminhamentos de seus bens simbólicos e culturais que devem ser valorizados a partir de uma efetiva política cultural que tenha a sua consolidação como prioridade.

Assim, no cenário cultural da cidade ainda prevalecem às ações pontuais (mesmo que em seus acertos e erros) e não devem ser consideradas como partes integrantes de uma política cultural consolidada como querem nos fazer crer. Certamente, isso se reflete no fato de que o uso de símbolos, imagens, marcas e valores da tradição e história da cidade ainda não possam ter dado uma maior contribuição para a transformação/valorização da cultura local até o momento.

Percebemos que as iniciativas de particulares - indivíduos ou grupos -, na resistência ao esvaziamento ou ao aniquilamento dos festejos populares e da tradição na cidade (blocos e

troças do carnaval, arraiás de bairros...), é uma alternativa plausível que merece ser estimulada e apoiada como contraponto às superproduções do ‘espaço concebido’ pelo mundo das imagens e das criações do capital voraz, numa espécie de ‘revanche da cultura popular’, como dizia Milton Santos.

Assim, se o consenso e o conflito ainda se mantêm vivos no contexto cultural de Mossoró - mesmo que ainda quase restrito no jogo de bastidores -, é um sinal de que nem tudo está perdido para aqueles que pensam a cidade atual em uma outra relação com sua cultura; e, dessa forma, estão abertas as possibilidades para se retomar um projeto que consiga fortalecer a cultura popular, e a história, as tradições e os valores, sejam patrimônio da cidade e dos que a compartilham com o mesmo zelo e ternura, como só os que verdadeiramente amam, olham e tocam a pessoa amada.

Se temos condições para promover uma análise ainda que tímida ou até incompleta – e, talvez, por isso mesmo incorrendo-se na possibilidade de cometer possíveis equívocos - acerca da realidade cultural em Mossoró, na contemporaneidade, nos permitimos situar a questão nos termos aqui expostos em função dos fatos relatados. E, assim, diante dos rumos que a cultura tomou e, a julgar pelos sinais emitidos, parece que ainda vamos continuar nesse mesmo processo mesquinho - sobretudo na forma da ‘espetacularização’ das festas e dos eventos -, ditado pelo ritmo do consumo e em nome dos interesses da política pequena. Assim, só nos resta fazer eco ao que disse Alves (2010, p. 127: “Estou cansado do grotesco. Quem nos devolverá à alegria da beleza?”).

Então, se estamos cansados dos arremedos e da falta de autenticidade nos projetos e encaminhamentos da cultura, na contemporaneidade, busquemos as possibilidades onde a beleza possa ser encontrada. Quem sabe através do resgate do lúdico das festas, como enfatiza Lefebvre (1991), ou até mesmo através do espetáculo, não o das megaproduções criados pelo mercado, mas, aqueles em que a experiência do cotidiano das cidades, uma floresta ou um simples pôr-do-sol sejam considerados espetáculos, como nos diz Yáziqi, (2001). Sendo assim, (felizmente) ainda nos resta dizer: pois, então, que nos devolvam a alegria da beleza!

5 REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A Indústria Cultural. IN: COHN, Gabriel. (Org.). *Sociologia*. (Coleção Grandes pensadores). São Paulo: Ática, 1986.

- ALVES, Rubem. *Conversas Sobre Política*. Campinas: Verus, 2010.
- ARANTES, Otília. Uma estratégia Fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. IN: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. (Orgs.). *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. ed. 2007. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- BERDOULAY, Vincent. Espaço e Cultura. IN: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs.) *Olhares Geográficos: modos de ver e viver o espaço*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2011.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: 1 - artes de fazer*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- CORRÊA, Roberto Lobato. A Geografia Cultural e o Urbano. IN: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny. (orgs.) *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- COSGROVE, Denis E. Em Direção a Uma Geografia Cultural Radical: problemas da teoria. IN: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny. (orgs.) *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- EAGLETON, Terry. *A Idéia de Cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- IANNI, Octávio. *A Idéia de Brasil Moderno*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- LEFÉBVRE, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Ed. Moraes, 1991b.
- LIPOVETSKY, Gilles; SERROY, Jean. *A Cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MORIN, Edgar. *Cultura de Massas no Século XX: necrose*. V. 2, 3. ed. 2009.

------. *Cultura de Massa no Século XX: neurose*. V. 1, 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

SÁBATO, Ernesto. *Homens e Engrenagens: reflexões sobre o dinheiro, a razão e a derrocada de nosso tempo*. Campinas: Papirus, 1993.

SÁNCHEZ, Fernanda. A (in)sustentabilidade das cidades-vitrine. IN: Acselrad, Henri. (Org.). *A Duração das Cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

SANTOS, Milton. *O Espaço do Cidadão*. 7. ed. São Paulo: USP, 2007.

------. *Por uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal*. 5. ed. São Paulo: Rio de Janeiro: Record, 2001.

SERPA, Ângelo. *O Espaço Público na Cidade Contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2007.

YÁZIGI, Eduardo. *A Alma do Lugar: turismo, planejamento e cotidiano*. 2001.

VAINER, Carlos B. Pátria, Empresa e Mercadoria: notas sobre a estratégia discursiva do planejamento estratégico urbano. IN: ARANTES, Otília; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. (Orgs.). *A Cidade do Pensamento Único: desmanchando consensos*. Ed. 2007. Petrópolis: Vozes, 2007.

SOBRE O AUTOR: Jamilson Azevedo soares: Mestre em Ciências Sociais e Doutor em Geografia. Docente do Departamento de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Endereço: DGE/UERN/Mossoró/Jazevedosoares@hotmail.com